

AFONSO PEREIRA: por entre as raízes da memória biblioteconômica paraibana

AFONSO PEREIRA: entre les racines de la mémoire bibliothéconomique paraïbaine

**Liliane Braga Rolim H. de Souza¹
Bernardina Maria Juvenal Freire²**

Resumo

Este texto resgata a memória da Biblioteconomia paraibana, na ótica do Arquivo Afonso Pereira, considerando as contribuições e a importância dos arquivos pessoais e das instituições-memórias, como base desse construto teórico. Metodologicamente adotou-se uma abordagem descritiva e comparativa das informações contidas no Arquivo Afonso Pereira, acrescidas das informações coletadas através da história oral. Nesta pesquisa, elegeu-se como eixos norteadores à contribuição de Afonso Pereira e o esforço depreendido nos bastidores da formação do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, objeto deste estudo.

Palavras-chave

**BIBLIOTECONOMIA PARAIBANA
MEMÓRIA
ARQUIVOS PESSOAIS
AFONSO PEREIRA**

1 INTRODUÇÃO

O texto tem por base os resultados da pesquisa que realizamos para nosso Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia, que se intitulou Biblioteconomia, na Paraíba: por entre os labirintos do Arquivo Afonso Pereira, realizado na Universidade Federal da Paraíba, e teve como objetivo geral resgatar a memória do Curso de Biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba, sob a ótica do Arquivo Afonso Pereira, período que corresponde desde as primeiras iniciativas até a implementação da Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, compreendido entre os anos de **1968 e 1982**. Por se tratar de um trabalho de cunho histórico, adotou-se como estratégia metodológica uma abordagem descritiva, por vezes, comparativa, utilizadas para confrontarmos os depoimentos de protagonistas contemporâneos, tanto do próprio professor Afonso Pereira e de sua esposa, a Senhora Clemilde Torres Pereira, como de algumas das primeiras professoras e alunas do Curso.

Na pesquisa documental, optamos por utilizar como documentações básicas aquelas pertencentes ao Arquivo Afonso Pereira, associando-as aos recursos da história oral que, na concepção de Meihy (1998, p. 17), constitui-se num “recurso moderno usado para elaboração

¹ Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba e Voluntária do NDIHR/UFPB

² Coordenadora do Programa de Patrimônio, Documentação e Memória do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional/UFPB, Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPB – Campus e Orientadora do Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia.

de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e é reconhecida como história viva”.

2 LABIRINTOS DA MEMÓRIA: confrontos e complementos da História

Ao enveredarmos por entre os labirintos da memória, somos remetidos a várias encruzilhadas que nos fazem tomar decisões a respeito de que caminho deveremos seguir para encontrar a posição almejada e, assim, esclarecer os questionamentos que se formam acerca de tal assunto.

A memória é abordada pelos mais variados campos do conhecimento humano sob os mais variados aspectos, dependendo apenas da finalidade que se deseja atingir. Fixando-nos na proposta do nosso estudo, não nos ocuparemos dos aspectos científicos globais do ato mnemônico em si, muito menos da memória acoplada à máquina. Ater-nos-emos à memória contemplada no campo das Ciências Humanas e Sociais, através do resgate da memória histórica do curso de Biblioteconomia na Paraíba, sob a ótica do Arquivo Afonso Pereira.

A memória, em seu sentido plural, em um contexto sócio-histórico, é formada pelo coletivo de pensamentos e lembranças do passado. Acrescentando ao grupo que o integra um sentido de identificação e de afirmação de sua origem, Bosi (1994, p. 414) acredita que “o grupo é suporte da memória se nós nos identificamos com ele e fazemos nosso o seu passado”. Considerando essa vertente histórica, Gonçalves (2000, p. 2) revela que

Se, por um lado, denomina um processo que ocorre ao nível da mentalidade humana, seja ela individual ou coletiva, por outro, tem sido usada corretamente para caracterizar a cultura material das sociedades através do tempo. Este elemento – o tempo – se constitui no lastro da memória, que pode ser genericamente definida como a capacidade que o homem tem de reter e guardar o tempo que se foi; de evocar o passado.

Essa relação existente entre tempo-memória está ligada à capacidade que a memória tem de captar o passado, através de fragmentos de lembranças, e transportá-las para o presente. A constituição dessa memória individual irá se confrontar com outras memórias e se apoiar nelas construindo a identidade cultural de uma sociedade.

Os acontecimentos ocorridos ou presenciados por um indivíduo integram memórias inerentes a ele sem precisar de um referencial exterior. “Se lembramos é porque os outros, a situação presente nos faz lembrar” (BOSI, 1994, p.55). Essas lembranças surgem, simplesmente, porque o presente nos remete ao passado. Finley (1989, p.21) destaca que “a memória de grupo, afinal, nada é mais do que a transmissão para muitas das lembranças de um homem, ou de alguns homens repetidas muitas e muitas vezes [...]”.

Os arquivos podem garantir que todo o legado de um povo não se perca, não caia no abismo do esquecimento. Concentra-se aí a importância material dos arquivos como fonte de memória: paralisar a informação tal como no momento da ação acontecida para que, futuramente, possa ser resgatada e utilizada na compreensão do passado. Nesse sentido é necessário entender a relação memória/História e conhecer o papel desempenhado por ambas em seus registros para a posterioridade, a fim de compreender a importância dos Arquivos como fonte de memória.

Para Bellotto (1991, p.184), “a memória é matéria documental em estado bruto a ser trabalhada pelos historiadores”, e continua: “se a história é hoje resultado de uma interação entre documentação e historiador, a memória em si mesma prescinde dessa voz, dessa verificação do historiador” (p.186).

A produção do conhecimento recuperada através da memória pode ser realizada por pesquisadores de diversas disciplinas, dentre os quais, os bibliotecários, não sendo só os historiadores capazes de fazê-lo, embora, durante muito tempo, tenha sido eles que trabalharam nesse sentido. Dessa maneira, são responsabilizados pela falta de imparcialidade pela qual a História é caracterizada hoje. Deve-se entender que qualquer interpretação realizada pelo homem obterá seu ponto de vista, mesmo que seja inconscientemente. A História não poderia ser (re)feita sem o auxílio da memória, no meio da qual estão aquelas depositadas nas Instituições denominadas Instituições-memória: a memória não teria serventia sem os requisitos da História.

3 INSTITUIÇÕES-MEMÓRIA

Seria impraticável a idéia de memória/História, se não houvesse um local para o diálogo com o passado. Focos de preservação e materialização da memória histórica, podem ser compreendidos de duas maneiras: como um local que tem por objetivo a guarda, a conservação e o tratamento dos documentos que fundamentam o presente, como os Arquivos, Museus e Bibliotecas e/ou os locais que, por si só já são documentos, por terem a propriedade de herança do passado, como os Monumentos e o Patrimônio Histórico.

Os lugares de memória se mostram imprescindíveis como ponto de condensação tópica da memória, de sentido material, simbólico e funcional. Eles despertam a memória que tende a adormecer, pois, em uma sociedade onde não mais existe uma memória espontânea, há necessidade de fontes externas que tragam o reconhecimento e o sentimento de pertinência de um grupo.

Considerados referenciais do passado, com a finalidade de nos lembrar e guardar na nossa memória, esses lugares devem garantir o direito à memória, o direito à História, o direito a confrontá-las na busca por esclarecimentos. Nessa perspectiva, Instituição-memória, representada sob a forma de Monumento, pode ser entendida como “Tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”(LE GOFF, 1994, p.535) e, nesse sentido, o autor coloca que o documento é monumento, pois resulta do esforço dos sujeitos para historicamente impor ao futuro, voluntária ou involuntariamente, determinada imagem de si próprias. Entre os diferentes arquivos com esse papel, está o que congrega os arquivos pessoais que, devido a sua significância para o tema, foi priorizado em nosso estudo.

3.1 ARQUIVO AFONSO PEREIRA

A vida do Professor Afonso Pereira foi marcada por realizações no âmbito educativo, no cultural e no científico, as quais geraram um acervo documental de grande apreço, não só para o seu homenageado, como também para as áreas em que ele esteve envolvido. Os papéis, documentos e fotos que hoje compõem o Arquivo Afonso Pereira sempre foram arquivados em caixas e conservados dentro de um sistema à medida dos que

eram produzidos e/ou recebidos desde 1950, na própria residência da família. Então a Senhora Clemilde Torres Pereira da Silva, esposa do Professor Afonso Pereira relata:

Quando estava imaginando um bom presente para marcar os 80 anos de Afonso, me veio, de repente, a idéia pronta e completa de criar o Arquivo Afonso Pereira. Eu tinha a casa desocupada, os papéis em ordem, sabia fazer e a ocasião era especial. Eu Já havia organizado outros arquivos e museus.

Assim, aos 3 de janeiro de 1997, foi inaugurado o Arquivo Afonso Pereira, localizado na Praça João XXIII, nº 78, no Bairro Jardim Glória, da Cidade de João Pessoa-PB. A antiga casa do Professor Afonso Pereira agora é depositária de documentos e livros de seu patrono, mantido com seus recursos e de sua família, caracterizando-o como Arquivo Privado Pessoal.

3.1.1 Organização

Ocupando oito salas preparadas para expor os mais variados tipos de documentos e uma biblioteca com mais de sete mil volumes em diversas línguas: latim, grego, alemão, francês e italiano, exibe 48 painéis com 643 fotografias, além de 15 vitrines especiais com 264 documentos, as 363 caixas-arquivo guardam a documentação.

Acompanhando a vida profissional de administrador e de criador nos campos da educação, arte, cultura e jornalismo, o Arquivo apresenta áreas especiais:

- a) Educação: UFPB, UNIPÊ, Instituto de Educação da Paraíba, Instituto Nacional do Livro;
- b) Implantação da Fundação Padre Ibiapina, da Faculdade de Direito de Sousa, do Observatório Astronômico da Paraíba, do Conservatório Paraibano de Musica, da Sociedade de Cultura Musical e da Orquestra Sinfônica da Paraíba;
- c) Administração: Santa Casa de Misericórdia, Academia Paraibana de Letras; Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, Conselho Estadual de Cultura, Conselho Estadual de Educação.

A vasta e valiosa documentação pertencente ao Arquivo Afonso Pereira se destaca pela multiplicidade de ações desenvolvidas por ele. A iniciativa de mantê-lo aberto aos estudiosos e pesquisadores possibilita diferentes linhas de pesquisas a serem exploradas.

Em nossa pesquisa, o acervo especial sobre a Universidade Federal da Paraíba, constando de 22 caixas-arquivo e 36 volumes encadernados de recortes de jornais, retratando, ano após ano, a universidade, foi onde encontramos as informações sobre a implantação do curso de Biblioteconomia, o que demonstra que vários outros registros sobre outros assuntos podem ser encontrados, não só aqueles de caráter biográfico.

O Arquivo Afonso Pereira é uma Instituição em desenvolvimento, tendo em vista que a figura central, motriz e protagonista do que é exposto e comprovado está em plena atividade intelectual, orientado para a pesquisa, sobretudo, em ação básica no cenário educacional da Paraíba e disposto a guiar-nos por entre os seus labirintos.

4 BIBLIOTECONOMIA NA PARAÍBA: extratos de sua história

A memória da Biblioteconomia Paraibana emerge junto à criação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba e se desenvolve com o empenho de pessoas que, pouco a pouco, juntavam-se na construção desta história, a exemplo do professor Afonso Pereira, em cujos depoimentos coletados revelou-se o baluarte da fundação do curso até o momento de sua solidificação, com o reconhecimento da Associação dos Profissionais Bibliotecários da Paraíba.

A fundação do Curso de Biblioteconomia na Paraíba aconteceu devido à necessidade surgida tendo em vista a implantação da Biblioteca Central no Campus da UFPB. Para que se possa entender de maneira clara, narraremos os fatos que se foram desvelando.

Para o Curso de Biblioteconomia da Paraíba, entre o verbo e a ação, está a Resolução número 01/69 da Universidade Federal da Paraíba. O ponto de partida de uma caminhada produtiva e satisfatória para aqueles que dela fizeram, fazem ou, ainda, farão parte. Como o próprio Projeto do Curso, elaborado pelo INL em 1968 previa, nascia na Universidade.

uma nova categoria de profissionais, definida com características próprias, capaz de ser vigoroso esteio na solução do grave problema de reaparelhamento para a conquistada atualização do ensino e da cultura.

A idealização e as primeiras atitudes para criação do curso partiram de um homem que, por trabalhar muitas vezes nos bastidores, talvez não tenha recebido o reconhecimento de tal mérito, o professor Afonso Pereira, em cujo discurso, em homenagem aos 25 anos da Biblioteconomia (1995), resgata um pouco essa história e, de maneira modesta, relembra que

o curso não foi criado, fundado e imaginado, simplesmente apareceu meteoro de fogo perdido meio à visão tosca de muitos à descrença ociosa. A reação inconcebível d'alguns o ódio multiplicado.

O professor Afonso Pereira tinha todo interesse e trabalhava em todos os sentidos para a implantação do Curso. Como a própria Resolução 01/69 da Universidade Federal da Paraíba(1969) nos informa, o Curso de Biblioteconomia é criado

considerando que a reestruturação da Universidade Federal da Paraíba visa, entre outros objetivos, à ampliação do campo das oportunidades profissionais ligadas ao desenvolvimento da região, é que o curso de Biblioteconomia se integra nesse objetivos;

considerando que as bibliotecas, como centro de informação e documentação adequadamente dirigidos e orientados, concorrem para o desenvolvimento regional.

Como Chefe de Gabinete, ele auxiliava o Reitor Guilardo Martins Alves na tomada de decisões, no sentido de dinamizar e desenvolver a Universidade, situação que se refletiria em todo o Estado.

Como Coordenador da Biblioteca Central que objetivava sua ascensão no campus, a criação do Curso seria importante,

considerando que o Instituto Nacional do Livro condiciona sua cooperação com a Universidade Federal da Paraíba, relativa à implantação da Biblioteca Central, à existência do Curso de Biblioteconomia (Of.INL/240/168) (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA ,Resolução 01/69, 1969).

Essa cooperação mencionada foi concedida tendo em vista que o professor Afonso Pereira era o representante do INL no Estado.

O representante do INL, com a alavanca da coragem, persegue o escritor General Humberto Peregrino, presidente do Instituto Nacional do Livro, e dele recebe com a relação de ambos o texto do convênio garantindo lastro financeiro para a instalação do Curso e despesas iniciais para o seu funcionamento (AFONSO PEREIRA, Discurso Biblioteconomia 25 anos 1995).

O jornal Correio da Paraíba, de 06 de dezembro de 1968, retrata:

Logo escolhido o Coordenador da Representação paraibana, achou o Reitor Guilardo Martins de “tocar fogo” na Biblioteca Central. Os dois juntos conseguiram um convênio com o General: assinatura, doze de dezembro. Pessoal, acervo de obras, instruções, tudo virá sem pressa, mas constantemente. E isto vai ser o fundamento do Curso de Biblioteconomia.

Entendemos que o professor Afonso Pereira, além de incentivar, através dos cargos que ocupava na UFPB, ainda dava seu fundamental apoio como Coordenador do INL/PB. Esse convênio firmado entre ambas as instituições foi o ponto-chave que fez concretizar a criação do curso.

O professor Afonso Pereira adquire, junto ao INL, um Projeto do Curso de Biblioteconomia, elaborado pela Assessoria daquela Instituição. Esse Projeto define todos os aspectos do Curso: finalidades, estrutura didática, comunidade escolar, administração do curso, regime financeiro e disposições gerais.

Dentre todas as considerações, destacamos desse documento os objetivos específicos do curso:

Formar bibliotecários e documentalistas de acordo com a lei nº 4084 de 20 de julho de 1962 (D.O. da União nº 123, de 2.762);
Formar pesquisadores no campo da biblioteconomia e da documentação e para os diversos campos especializados;
Promover o aperfeiçoamento e a especialização de bibliotecários e documentaristas;
Superintender o desenvolvimento da biblioteconomia e da informação no Estado (INL, Projeto do Curso de Biblioteconomia, 1968).

A senhora Clemilde Pereira Torres relatou:

Quando Afonso recebeu a notícia de que havia a possibilidade da Universidade receber grande recurso financeiro, para a implantação da Biblioteca Central e que estava arriscado a perder, porque tinha como requisito a criação do Curso de Biblioteconomia, e não daria tempo reunir todo material que necessitava esta criação, minha filha, Ana Flávia, que, coincidentemente, estava interessada em cursar Biblioteconomia e havia reunido material sobre todos os cursos existentes no país, afirma que tem posse de tudo o que ele precisa.

Em razão desse acontecimento, houve tempo para obter os documentos-base que forneceram as primeiras informações sobre o Curso. A recuperação dessa memória, em especial, e de tantas outras só foi possível identificar através do recurso da memória oral.

O último empecilho enfrentado foi a oposição da FAFI, como era conhecido o Centro de Filosofia e Ciências Humanas, ao qual o curso iria vincular-se: “julgar-se-ia prejudicado com a fuga de candidatos para Biblioteconomia” (AFONSO PEREIRA, Discurso Biblioteconomia 25 anos, 1995).

O jornal Correio da Paraíba, de 06 de dezembro de 1968, trouxe a seguinte informação:

Curso de Biblioteconomia

O próprio INL deu-lhe a forma, fornecendo à estrutura um termo atualíssimo. E só falta parecer do Relator, designado por esse mestre idealista que é o diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, o professor Paulo Pires Braga.

Como não havia mais tempo, o edital do concurso vestibular saiu antes mesmo da aprovação pela Universidade Federal da Paraíba, sendo publicado no dia 05 de janeiro de 1969. No entanto, anunciava que as pessoas que tivessem interesse em biblioteconomia deveriam se inscrever em Direito. Ao ser aprovado o curso, automaticamente eles seriam transferidos. O edital também prometia “três prêmios aos primeiros colocados no vestibular de Biblioteconomia, tudo por iniciativa e despesa do representante do INL”. (REPRESENTANTE INL/PB, Ofício 5/70, 1970)

Nesse ano, realiza-se um segundo Concurso de Habilitação para os cursos cujas vagas não foram preenchidas. O curso de Biblioteconomia não precisou desta nova realização, pois, de 60 candidatos, 28 foram aproveitados para as 25 vagas. “Foi o curso mais procurado do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade”. (REPRESENTANTE INL/PB, Ofício 5/70, 1970)

Conforme a ata da 1ª Sessão ordinária do Conselho Universitário, com o parecer positivo da comissão Central de Planejamento e, enfim, o pronunciamento do Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas (ICFCH), ao qual o Curso iria vincular-se, e a celebração do convênio entre INL e a UFPB, no dia 06 de janeiro de 1969, por unanimidade, o Conselho Universitário aprova a criação do Curso de Biblioteconomia.

A Resolução 01/69, pelo Reitor Guilardo Martins Alves, resolve: a vinculação ao ICFCH, que organizará em subunidades as disciplinas de caráter especial profissional do Curso, distribuindo os estudos não específicos pela unidade existente e adotará ou proporá as medidas complementares indispensáveis à execução do disposto nesta resolução. Além de que, o Curso iria funcionar a partir do primeiro semestre letivo de 1969, conforme relata o jornal Correio da Paraíba, datado de 07 de janeiro de 1969:

Por outro lado, ainda na reunião de ontem, o Conselho Universitário aprovou a criação do Curso de Biblioteconomia, do ICFCH, oferecendo assim oportunidade de estudo aos interessados em tal curso, que anteriormente tinham de se deslocar a Recife. As inscrições para os respectivos Concursos de Habilitação (área 4) estão abertas a partir de hoje e têm encerramento marcado para o próximo dia 11.

Percebe-se, então, que a criação do Curso aconteceu um dia antes de iniciar a inscrição do mesmo. Comprovando as palavras poéticas do professor Afonso Pereira (Discurso

Biblioteconomia 25 anos, 1995): “O Conselho Universitário antevéspera do vestibular ele reunido extraordinário distribui pedras nos caminhos da subida da montanha”.

4.1 DA FUNDAÇÃO

A escrita memorial alimenta-se do passado, o que acaba por instaurar um sentimento nostálgico que ocorre a partir do surgimento e dos primeiros passos do Curso de Biblioteconomia na Paraíba, pois eles serão caracterizados essencialmente por uma reconstituição baseada no relato de pessoas que vivenciaram aquele momento. São elas algumas das alunas e professoras fundadoras, que se configuram sujeitos importantes para o resgate dessas memórias, as quais são recuperadas por meios de lembranças dos primeiros dias de aula, da recepção acadêmica, da convivência com colegas e professoras. São cenas modestas e significativas que ilustram o cotidiano, seus sentidos e significados da memória de um grupo.

Assim, no primeiro semestre do ano letivo de 1969, iniciou-se o Curso de Biblioteconomia na UFPB, funcionando no prédio do Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas, localizado na Avenida Duarte da Silveira, 450, no Centro de João Pessoa. Através do livro de ata da coordenação do Curso de Biblioteconomia, tivemos acesso aos nomes das concluintes da turma de 1971, ano em que se formou a primeira turma. São elas: Ana Flávia Torres Pereira da Silva, Ana Helena Montenegro dos Guimarães Wanderley, Dalka Alves de Cartaxo, Dalvanise da Rocha Silva, Diana Helen Ramos Lemos, Emeide Nóbrega Duarte, Ieda Barbosa de Paiva, Maria Alette Peixoto Wanderley, Maria de Fátima Pinto Diniz, Maria Helena de Athayde Rotta, Maria Naire Palhano Pinto, Maria Neuza de Moraes Costa, Maria Socorro Rodrigues de Araújo, Marilde Rodrigues de Macedo, Marília Moreira de Medeiros, Marli Pereira Viana, Marynice de Medeiros Matos, Nancy Honorato da Silva, Teresinha de Jesus Duarte, Walkíria Vieira Toledo.

O corpo docente era formado por apenas quatro professoras: Carmem de Farias Panet, Jeruza Lyra Lucena, Maria de Lourdes Arruda Melo e Dijane de Oliveira Borba. Os depoimentos de algumas destas pessoas (alunos e professores) recuperaram a memória e desenrolaram os detalhes de histórias que se desfiavam entre a produção intelectual e os anseios de uma sociedade justa, no sonho, muitas vezes, utópico de um educador sempre.

Como requisito para assumirem o cargo de professoras, essas quatro bibliotecárias foram convidadas a apresentar um trabalho na área. Dijane de Oliveira Borba destaca: “assumi o cargo somente cinco meses após implantação”. No Relatório I (1968) apresentado pela Biblioteca Central, tendo em vista a sua implantação, já (re)conhecemos os nomes destas professoras atuando como bibliotecárias das várias unidades setoriais.

Apesar do Convênio estabelecido entre UFPB e INL, este segundo não cumpriu com sua obrigação de remunerar os professores contratados para lecionar as matérias específicas do Curso de Biblioteconomia. Diante disso, o Professor Afonso Pereira, ao visitar o Rio de Janeiro, aborda o Diretor-substituto do INL, professor Galante, e, em nome da Reitoria e da Representação Estadual do INL, descreve “o mal-estar ante o não cumprimento dos convênios firmados[...]” (BIBLIOTECA CENTRAL, Ofício 18/70,1970).

O acompanhamento da Reitoria era feito pela Diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Doutora Vilma dos Santos Cardoso. O pequeno número de professoras requeria das mesmas uma dedicação especial ao Curso.

Éramos quatro, com reuniões periódicas no sentido de preparar o plano de curso das disciplinas que eram devidamente organizados. Havia o convite que era feito aos outros Departamentos para que fossem fornecidas disciplinas optativas e obrigatórias que faziam parte.(Carmen de Farias Panet, Professora Fundadora)

As alunas, entre as quais cuja *“relação sempre foi muito boa, quase fraternal”* (Marynice de Medeiros Matos), ou como relembra outra memoralista, *“Muitas já se conheciam, depois formamos grande amizade com todas”* (Diana Helen Ramos Lemos), estudavam no turno da tarde no ICFCH, embora houvesse algumas poucas disciplinas no campus I, que estavam se iniciando.

O curso era dividido em duas etapas: o básico, em que eram ministradas disciplinas gerais, comuns aos outros cursos da FAFI, e o profissionalizante, em que os alunos recebiam aulas das disciplinas específicas do Curso de Biblioteconomia.

Sobre o material didático necessário a um funcionamento adequado ao Curso, as alunas da primeira turma lembram que:

Havia precariedade de material bibliográfico com tabelas de CDD e CDU (Maria Neuza de Moraes Costa).

As condições estruturais para as aulas práticas eram péssimas, não havia material como as tabelas de CDD e CDU, Código de Catalogação Curso (Emeide Nóbrega Duarte).

Houve dificuldades sim, mas não podia ser diferente já que o Curso estava iniciando aqui na Paraíba. (Diana Helen Ramos Lemos).

Apesar das dificuldades existentes relativas a uma estrutura que se inicia, como poucos professores e deficiência de material bibliográfico, os pontos positivos se uniam formando pilares necessários à sustentação do curso. Essa base era, justamente, as pessoas que estavam inseridas neste contexto, pois se devem a elas os méritos do sucesso, como nos explicam em seus testemunhos os entrevistados:

O número inicial de professores era muito pequeno e de toda escassez de material. Graças aos professores que se organizavam de uma forma a tentar suprir tal dificuldade e aos alunos que se dedicavam bastante é que conseguimos. (Maria Neuza de Moraes Costa, aluna da primeira turma).

As expectativas das alunas eram ótimas e a ansia de aprender era grande, por isso as vagas para estagiar, sem remuneração, eram disputadíssimas”. (Emeide Nóbrega Duarte, aluna da primeira turma).

A qualidade da primeira turma era muito boa. Um nível muito bom, enérgico e, também, uniforme, não havia discrepância. (Ana Flávia Torres Pereira da Silva, aluna da primeira turma).

A professora Carmen de Farias Panet afirma: *“Tentávamos superar a dificuldade de material bibliográfico através da interação aluno/professor, que era muito boa. Eram como colaboradores”*.

Não só os alunos e professores colaboravam, outras pessoas também tiveram seus nomes citados várias vezes como grandes contribuidores, dentre os quais se destacam: Guilardo Martins (Reitor fundador), Vilma dos Santos Cardoso Monteiro (Diretora do ICFCH), Humberto Nóbrega (Reitor, na época da formatura) e Afonso Pereira (incentivador na Fundação).

As memórias aqui resgatadas desdobram-se em histórias ouvidas, lidas e contadas por pessoas que testemunharam a própria história junto à história do Professor Afonso Pereira e,

unidos, construíram essa narrativa memorialística. Sobre aquele momento, surgiram os seguintes depoimentos acerca dessa notável figura:

Lembro de Afonso Pereira sim, apesar de não recordar detalhes, lembro de sua presença constante, ele dava muito valor ao Curso (Carmen de Farias Panet, professora).

Afonso Pereira sempre estava presente nas solenidades, inauguração. Em cada passo conseguido (Dijane de Oliveira Borba, professora).

O Professor Afonso Pereira se fez presente em tudo na Biblioteconomia Paraibana, inclusive no início do Curso (Maria Neusa de Moraes Costa, aluna).

O professor Afonso Pereira se mostrava bastante interessado, empenhado em resolver a parte burocrática, sempre presente (Emeide Nóbrega Duarte, aluna).

Afonso Pereira foi o grande mentor do curso. Foi a ele que coube toda a responsabilidade da criação, tramitação da parte burocrática e sua efetivação. Afonso é considerado o patrono da Biblioteconomia (Marynice de Medeiros Matos, aluna).

Não havia o Curso aqui na Paraíba na época, a idéia veio de papai {Professor Afonso Pereira}, que dizia que o importante no próximo século seria a informação” (Ana Flávia Torres Pereira da Silva, aluna da primeira turma).

Foi possível estagiar nas Bibliotecas Setoriais, como Instituto de Física, Instituto de Química, Instituto de Matemática, Instituto de Medicina, entre outros, com a supervisão da professora Jerusa Lyra Lucena, ou seja, de colocar em prática os conteúdos apreendidos em sala, ampliando o aprendizado. Conselho já mencionado no projeto inicial do Curso, “Os estágios devem ser previstos a partir do segundo semestre e irão até o fim do curso” (INL, Projeto do Curso de Biblioteconomia , 1968)

Através da Resolução 04/70, o Conselho Departamental do ICFCH cria o Departamento de Biblioteconomia por considerar que, vinculado a este Instituto, para os efeitos de organização administrativa, didática-científica e de distribuição de pessoal, é imprescindível às atividades docentes e administrativas de qualquer curso a sua instalação em ambiente físico próprio e adequado. As disciplinas compreendidas nesse Departamento eram Classificação, Catalogação, Documentação, Bibliografia, Referência, Organização e Administração de Bibliotecas, História do Livro das Bibliotecas, Reprografia e Arquivística.

Essa 1ª turma graduou-se em 21 de dezembro de 1971, com exceção de uma aluna, Viginia Célia Regis Toscano, que esclarece: “*Tive que transferir meu curso, eu ia me casar e morar em São Paulo, então me formei lá*”. Para as demais alunas, foram realizados todos os rituais que pede a ocasião: coquetel, culto, missa, colação de grau.

Além das relações de amizade, inesquecíveis foram as solenidades de nossa formatura, desde a colação de grau, no Clube Astréia, até nosso Baile no Hotel Tambaú. (Marynice de Medeiros Matos)

Emeide Duarte Nóbrega recorda também: “*O Reitor Humberto Nóbrega também ofereceu um almoço no restaurante universitário para nós*”. A maioria das formandas conseguiu logo se inserir

no campo profissional, com boa colocação no mercado de trabalho. “*Uns foram para o Rio de Janeiro, para o IBBD (atual IBICT), outros na própria Universidade, ou para o Governo Estadual. E teve o caso da aluna Ana Flávia, filha de Afonso Pereira que, após trabalhar no IBBD, foi trabalhar no Banco Mundial, Estados Unidos*”. (Emeide Nóbrega Duarte).

Como mostra o Ofício 18/70 da Biblioteca Central de 1970, no qual o Professor Afonso apresenta o relatório de viagens que fez com o objetivo de visitar Bibliotecas e Escolas de Biblioteconomia, o IBBD “Concede prioridade à UFPB, facilitando vaga para o Curso de Mestrado”.

Ultrapassada a fase da formação acadêmica, a luta agora passa para outro nível, o da reivindicação como profissional bibliotecário de seus direitos, e é assim que surge a Associação dos Profissionais Bibliotecários da Paraíba.

Já em 1974, o Curso de Biblioteconomia desmembra-se e vincula-se como coordenação ao CSSA, ligado ao Departamento de Administração e Contabilidade, e seu reconhecimento é concedido em 1º de setembro de 1975, no Decreto nº 76.178.

Em 1995, ao festejar os vinte e cinco anos do Curso de Biblioteconomia, o professor Afonso Pereira discorre:

[...] aos vinte e cinco anos, jovem, liberto das algemas dos incrédulos contemplam e assistem o desfilar de mestres, doutores, pesquisadores, cientistas do livro que não mui adiante espalharão por estas regiões, em cada comunidade, bibliotecas bem assentadas inspirando poetas, historiadores, políticos, economistas e estadistas. Arte, Ciência juntas a projetarem o entendimento entre as pessoas [...]

4.2 ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS BIBLIOTECÁRIOS DA PARAÍBA

A Presidente Fundadora da Associação dos Profissionais Bibliotecários, Maria Neuza de Moraes Costa, afirma:

O professor Afonso Pereira foi importante na parte burocrática, quer dizer, em tudo, sem ele não teríamos conseguido. Até poderíamos, mas, com muito mais dificuldade. Sempre nos apoiando com os documentos, produziu a minuta do Estatuto.

Outra presidente da APBPB, Edna de Torreão Brito, do ano de 1979, tece o seguinte elogio: “*Afonso Pereira é um educador com uma cabeça maravilhosa, que sempre esteve envolvido nas atividades da Associação, sempre apoiando*”.

Para o reconhecimento da utilidade pública estadual da Associação dos Profissionais Bibliotecários da Paraíba, foi fundamental a ação do Professor Afonso Pereira, em todos os sentidos. Sentido que toma corpo com a elaboração da minuta do projeto de Lei e, em seguida, envia-o ao Deputado Américo Maia, anexada uma carta através da qual fazia o pedido, ou, como ele mesmo escreveu:

Penso não se tratar de um favor apenas se pede para os outros - caminhar juntos!- mas uma honra para quem há de prestá-lo, no caso o excelente amigo, das bravas terras quentes e rachadas do sertão.

Seguia toda documentação exigida em Lei: Atestado do Juiz, cópia autêntica da Certidão, registro do Estatuto e um exemplar do Diário Oficial. Tudo resolvido e acertado pelo professor Afonso Pereira, como informa o Ofício à Presidente da Associação. É

interessante perceber a visão do Professor Afonso Pereira ao esclarecer que, “Para a memória histórica da APBPB, tudo quanto se especificou irá para o Arquivo cópia autenticada.” (AFONSO PEREIRA, Ofício s.n./76, 1976)

O XXI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, o CBBB, foi realizado em João Pessoa. Edna Torreão Brito assevera:

o dinheiro utilizado na compra da sede e de todo imobiliário foi adquirido com a realização deste congresso. Parte do dinheiro foi para FEBAB e o que nos coube foi utilizado para este fim.

Na inauguração da Sede, o professor Afonso Pereira faz um belo Discurso (1982) em que deseja:

Casa que hospeda e acolha. Que assegure aos seus membros a estabilidade da profissão e nada deste mundo a demova dos fins nascidos de um sonho, tornado realidade e eficácia.

Neste discurso, ele homenageia aqueles que desprenderam esforços para erguer a APBPB. E como não poderia deixar de ser, também é homenageado no Discurso de Maria Neuza de Moraes:

A honra de participar desta galeria, certamente não é só nossa. Pertence também àqueles colegas que nos apoiaram como sócios e como membros de diretoria. E, neste momento, quero ressaltar a colaboração decisiva do Professor Afonso Pereira, durante a gestão da primeira presidência. Graças ao seu apoio, é que chegamos ao seu final como pessoa jurídica e como órgão de utilidade pública.

Como pressupunha o professor Afonso Pereira, para a Biblioteconomia Paraibana,

A casa está construída e pronta. E quase ninguém pressentiu sequer a presença dos obreiros. Também dos que a sonharam e imaginaram (AFONSO PEREIRA, Discurso Biblioteconomia 25 anos, 1982).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quantos, pedra a pedra nos alicerces, tijolo a tijolo nas paredes da esperança, telhas e telhas grimpadas umas a outras fizeram teto de sombra e aconchego. A casa está construída. (AFONSO PEREIRA)

A memória histórica de um determinado ato, fato, acontecimento - coletivo ou individual - garante às pessoas sua afirmação perante a sociedade. Tanto no que se refere ao desejo de apresentarem seus registros para a posteridade e, assim, perpetuar-se através dos tempos, como também no sentido de se reconhecer, nessa memória, o que assegura sua identidade.

As Instituições-memória, sejam arquivos, museus e bibliotecas - que têm como objetivo guardar, tratar e conservar documentos - sejam, Monumentos e Patrimônio Históricos, que são heranças do passado, possuem esse encargo, esse poder de revelar o

“antigamente” e despertar nos indivíduos o sentimento de (re)conhecimento do passado, indispensável à condução do presente.

Os arquivos como Instituições-memória servem de testemunha e prova do passado, resgatando-o, independente da finalidade a que servem. Os arquivos pessoais se inserem nesta categoria e, diferentemente do que muitos imaginam, não revelam apenas um indivíduo, mas tudo que estava a sua volta e fez parte, direta ou indiretamente, de sua vida.

O professor Afonso Pereira, como grande incentivador da cultura e da educação paraibana, sempre esteve presente, fazendo o Estado se desenvolver. Seu Arquivo Pessoal retrata bem todo o arsenal de feitos encabeçados por ele diante dos inúmeros cargos que ocupou. Comprovando o que afirmamos anteriormente, o arquivo pessoal não trata apenas sobre a vida de seu titular, de carona; traz uma série de informações sobre as diversas atividades em que ele esteve envolvido. Informações importantes que, muitas vezes, perderam-se no órgão, instituição à qual se referem.

Nesta gama de informações do AAP, encontramos muitos documentos relativos ao Curso de Biblioteconomia na Paraíba, em jornais, relatórios, ofícios e fotos, comprovando a importância do professor Afonso Pereira no processo de criação desse Curso e para a Biblioteconomia de um modo geral.

Nesse resgate, tivemos a confirmação de todas as teorias referentes à História/memória, às Instituições-memória, dentre elas, o arquivo. No entanto, durante toda a pesquisa o que mais nos chama a atenção é que, apesar de ser mostrado freqüentemente nos livros, só constatamos com veemência na prática, conforme seja a máxima: “A História é construída por homens”.

O curso de Biblioteconomia contou com a ajuda inquestionável do Professor Afonso Pereira para se erguer sob a tutela da UFPB. Mérito que deverá, no mínimo, ser (re)conhecido pelas pessoas interessadas nessa memória. Esse mérito não desconsidera o vigor de outros que trabalharam em defesa do Curso de Biblioteconomia, pois o esforço de um seria em vão, sem o apoio, a dedicação dos outros que levaram à frente essa empreitada com grande desprendimento, coragem e até amor.

Foi a pura devoção de professores, alunos, funcionários e outros muitos ligados, de algum modo, ao curso, que firmaram essa memória, que acaba de completar 35 anos. Durante a pesquisa, principalmente nas entrevistas, percebemos o sentimento benéfico existente em cada pessoa, ao mencionar o curso e a profissão que lhe renderam anos de dedicação. Tal sentimento deu a mobilidade necessária para o desenrolar dos acontecimentos.

Se muito ainda há o que se conquistar, muito já se conquistou. Aos personagens dessa história devem-se os débitos e os créditos. A Biblioteconomia conseguiu desenvolver-se nesses anos, mudando a mentalidade e fazendo-se revelar no ambiente acadêmico, social e cultural do Estado. Esse desenvolvimento não pode se deter, para que não seja atropelado pelos possíveis entraves.

É necessário descobrir a memória do curso de Biblioteconomia para entendermos que somos responsáveis pela sua confecção, e nos conscientizarmos de que cada um de nós representa um papel importante e, a partir daí, agirmos com mais ânimo em meio aos desafios acadêmicos que nos são apresentados. Para tanto, fazem-se necessários outros trabalhos que tratem do assunto para que essa memória ressurgja cada vez mais completa e analisada sob outros ângulos.

Résumé

Cette étude prétend récupérer la mémoire de la Bibliothéconomie paraïbaine, dans l'optique des archives personnelles et des institutions mémoires, comme base de cette construction théorique. Du point de vue méthodologique, il a été adopté un abordage descriptif et comparatif des informations contenues dans l'Archive Afonso Pereira, auxquelles ont été ajoutées celles collectées à travers l'histoire orale. Dans cette recherche, il a été choisi comme axes de direction la contribution de Afonso Pereira et l'effort déployé dans les coulisses de la formation du Cours de Bibliothéconomie de l'Université Fédérale de la Paraíba, objet de cette étude.

Mots-clés

BIBLIOTHECONOMIE PARAÏBAIN
MEMOIRE
ARCHIVES PERSONNELLES
AFONSO PEREIRA

REFERÊNCIAS

BELOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASTRO, César Augusto. **Um olhar distanciado para os velhos objetos: a construção do campo da biblioteconomia no Brasil nos anos 50 e 60: questões educacionais**. 1998. 342f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

CASTRO, César; BOTTENTUIT, Aldenar. **Movimento fundador da biblioteconomia no Maranhão**. São Luiz: Imprensa Universitária, 2000.

DINIZ, Edileuda Soares. **Currículo e sociedade: uma análise do ensino de graduação da Universidade Federal da Paraíba**. 1998. 103f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

DOSSE, Francos. **A história em migalhas**. São Paulo; Ensaio: 1992 .

ESPOSEL, José Pedro. **Arquivos: uma questão de ordem**. Niterói: Muiraquitã, 1994.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque, Pesquisa, Memória e Documentação: desafios de novas tecnologias. In: FARIA Filho, Luciano Mendes de (org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas: Universidade São Francisco, 2000. p. 101-109. (Memória da Educação).

FONSECA, Edson Nery da. **A biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1979.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Disponível em:
<<http://www.cpddoc.fgv.br/comumhtm/>>: acesso em: 27/01/2003

FYNLEY, Moisés I. **O uso e abuso da história.** Tradução Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (O homem e a História).

GONÇALVES, Regina Célia. **A história e o oceano de memória:** algumas reflexões: João Pessoa: Memeo, 2000.

GOUHIER, Henry. **A história continua.** Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

KRAMER, Sonia. **Por entre pedras:** armas e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1993.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução Irene Ferreira et al. 3ª ed. Campinas: UNICAMP, 1994. (Repertórios).

LIMA, Raimundo Martins. **A construção social da biblioteconomia brasileira:** a dimensão político-pedagógica do fazer bibliotecário. Manaus: EDUA, 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe bom. **Manual de historia oral.** 2ª ed. São Paulo ; Loyola, 1998.

ROSA, Maria Nilza Barbosa. **A Construção do currículo no cotidiano escolar:** práticas de professor e aluno no ensino de biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba. 1999. 165f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Da Paraíba, João Pessoa.

SALGADO, Porcina Formiga dos Santos (Org.) **Catálogo de produção Intelectual de Afonso Pereira da Silva.** João Pessoa, 1999.

SOUZA, Francisco das Chagas. **O Ensino de biblioteconomia no contexto brasileiro.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.